

Antologia de vk_noctur



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatãria

Para todos os amantes de versos.

resumo

Doraline

O passar das horas

Em? Nem vi

Jogo final

Rotina

Paraíso inebriante

Maremoto

Palhas secas

Tipo chiclete

Fixada

Mar e amar

Cântico da lua

Versos com destino

Sobras do achar

Fuga para as nuvens!

No mais, tentar

Doraline

Doraline sempre diga:
" Oh, desculpe", " obrigada".
Então se curve e firme o siga.
Em silêncio, sem adaga.
Jamais contrarie eles,
Podem te arruinar.
Sem pôr esforço no trabalho;
"Fique em casa, a cuidar".
Em tempo todo sorridente.
"É seu dever me alegrar".
Toda posta sobre a mesa,
Eles irão a devorar!
Doraline não pereça,
É normal ser sensual.
Se chorar, rebole e cante;
"Ser sensível é fatal".
Seu falar é impertinente ,
Opinião não se estende.
Cobras enroladas, cansam!
O amor não te atende.

Doralin-
? Chega!
Desses trastes não preciso.
Tenho tudo, sou ouriço.
Eternamente me condenam,
Julgam nula, mas acenam.
Tentam seduzir escrúpulos
Jogam culpa sobre vestes
Descarados, seres sujos
Ignoram, cafajestes!
Perdi amigas cuidadosas,
Breve adeus, foi-se embora.

Marielle e Araceli.
Fiquem com Deus,
não se isolem
Sou Doraline e sigo forte
Sei a dor de ser suporte
Considero os sinais,
Mas voltar, porém, jamais!

O passar das horas

Tantas graças têm partido.
A desgraça, meu amigo,
Se fez uma com o maldito coração.

Os perdões sem seu amparo,
Pulmões despedaçados,
Ô desgraça, qual seria seu bordão?
? Arrastar.

Frente à frente com destino,
Cara à cara deus do fim.
Lhe pergunto do cuidado,
Da certeza que não vem.

? Se acomode, meu filho.
Continue a sonhar,
Irei pôr um outro adeus,
Íntimo desse olhar.

Belas chamas que arrastam,
Não cessem o seu queimar.
Vos imploro mais um dia,
Deixem-me vir alegria.

Noutr' tempo sem os males,
D'onde riam nossas aves.
Dias sem brilho fluorescente,
Não mexia com a mente
Ou perturbava o ser presente.

O entardecer se aproxima,
Leva embora tod'as almas,
Tão distantes desse sol,

E logo extinguirá.

Resta o pavor do tormento,

Responda este lamento.

Onde moram todos que vão a ti?

Em? Nem vi

Tictaqueando
pondo as horas a rodar.
Sempre vagueando
Com as mãos em seu lugar.
O calor está presente?
Lubrifica sua mente?
Como posso a-pro-vei-tar?!
A ansiedade bate à porta:
? toc, toc
E o medo só assola.
? quando vamos ir embora?
Tingindo tudo a preto
E fazendo rabiscões.
São armas de desejo
E de grandes emoções.
O folhear de tantas páginas,
Cansa o viver.
Que gigante hipocrisia
? cadê o G.V?
Quantas letras te prendiam.
E as horas perpetuam o lugar.
? já deu 18:30?

Jogo final

Quantos reis são necessários
Para que o reino pereça?
Quantas damas se sacrificam
Para pô-los nesses postos?
Quantas lágrimas irão rolar
A fim de o juízo alcançar?

Os bispos clamam, clamam por ti!
Estão banhados pelo vinho do viver.
Aglomeradas mãos do desespero,
E os peões também se deixam ir...

Cavalos correm, viram à esquina;
Apedrejados na noite tão linda.
Seus rodeios, em frente viram,
No sumir desse imenso azulão.

As colunas deste reino,
Estão prestes a ruir.
Suas torres, sem mais desejo,
Lançam fora a força do vencer.

O horizonte abre as portas
E nos mostra o final.
És então um outro adeus,
Ó nosso viver.
? Xeque-Mate

Rotina

E lá se foi mais um dia.
O trabalho continua,
O cansaço perpetua.
Sem abraço de conforto,
No raiar me vejo morto.
E lá se foi mais um dia.
O sono não vem,
O choro se contém.
E lá se foi mais um dia.
Ouvindo bajulações,
Entoando reclamações.
Vibrando expectativas,
Olhando almas vivas.
E lá se foi mais um dia.
Queria descansar.
Dormir e deixar para lá.
Rondando o vazio espaço.
Por que tudo é tão caro?
E lá se foi mais um dia.
Você já vai?
E se não vier mais?
Talvez eu o segure,
Pra que enfim me cure.
E lá se foi mais um dia.
Um dia sem fazer o que quero,
Sem manter ou deixar meus elos.
E lá se foi mais um dia.
O colapso bate à porta,
E se eu abrir de vez?
E lá se foi mais um dia.
Que se tornou o último.

Paraíso inebriante

Sonhos, sonhos...

Doces nuvens nebulosas.

Cinza lambuza o azul,

Seria teu gosto bubbaloo?

Nadar com lindas emoções,

Mergulhar nestas sensações.

Prezo por essa consequência,

Final de nossa eloquência.

Embriagar-me absortamente.

Supreende o tempo ausente,

Assassina a muitas mentes,

Enlouquece o ser presente.

Apesar do chão espinhoso,

Esse, que me retorna.

Agarro seus algodões,

Cravejar os pés jamais!

Sonhos, sonhos...

Desejo rodopiar,

Louca em êxtase.

Se for para mantê-los.

Maremoto

Encarando a velha praia,
Cede-se àquele lugar.
Em visão do nevoeiro.
O tempo passou a nublar.

Espreitava o sombreiro,
A fim de poder enxergar.
A beleza verdadeira,
Os olhos do sabiá.

As águas estavam calmas,
Num súbito, tomam raiva.
Sem uma sequer direção,
Passou a seguir em vão.

Confinou o maldito baú,
As chaves sumiram de vista.
Suas lembranças, já escassas,
Tornaram pó na imensa lista.

O aroma salgado distanciou,
Os peixes pularam fora,
E o anzol perfurou
Esse ser que vai embora.

Livrar-se assim foi árduo.
Essas folhas queimam,
Pesam mais que o fardo
De viver sem sentido.

Torna-se um mar vazio,
Cheio de abundância.

Palhas secas

Lugarzinho de palha,
Doce lar de sorrisos,
Foi-se logo seguir
A corrente do rio.
Eu corri, fui atrás.
Não, não posso deixar;
Mas o vento soprou,
E levou meu lugar.

Lugarzinho de palha,
Desmorona nas águas,
E quem antes vivia
Na poeira ficou.
Todos foram embora
Nada mais restou.
Ele ainda chora
Mesmo sob o chão.

Tipo chiclete

Doce amor felpudo.
Bateu em minha porta,
Abriu meu mundo.
Tornou-o seu.

Elástico do destino,
Me leva e traz ao mesmo ponto.
Eu torno a ouvir seu canto,
Sem nunca enjoar você.

A cor viva em ti
Enuncia minha alma.
Ter-te para mim
Nos leva a esta vivalma.

Mera caixa de papel,
Tens a sorte de a abraçar,
E consigo descansar.
Não se apegue a efemeridade,
Meu doce, doce de mel, és meu.

Grudaste em mim e não saiu,
Nem desejo que saias.
Fique e permaneça.
Não ligue para as vaias.
Destes que nos querem soltar.

Fixada

Estando esparramada,
Afogada em soledade,
O vinho tinto outrora doce,
Fez-me clamar em piedade.

Como pôde apunhalar?
Não perdoo traição.
Se queres me afogar,
Irei pô-lo em maldição.

Toques de ternura ficam,
Admiro sua face.
Vê essa loucura, sente.
No amanhã ela renasce.

Que fim brindamos?
Enlaçados, corpos dançam.
O tom de sangue banha-nos,
E os sons do silêncio encantam.

Cessa o ritmo dos passos,
Derradeiro brinde feito.
Lanço-me a esta pista
Para enfim contar:

Essa passagem fixa o amor
Remanescente de minha dor.
Devo dizer-lhe, meu ardor?
Ficaremos acorrentados até o fim.

Mar e amar

Ao pisar na superfície
A ruína abracei.
Sem rosa pra me guiar,
Puxei o acaso e perfurei.
Velejar por suas ondas,
Ó menina, me entreguei.
Adentrei nesse seu barco.
E sem perceber, naufraguei.
Deveria ser pecado,
Amar-te tanto assim.
Me deixe ser teu amado,
Em seu andejo irei pôr fim.
Encontrei a jóia rara.
Morena do riso belo.
Se apresse dona lara,
Ou ficará sem seu castelo.
Então marés, pra quê algo assim?
Pus os pés no areal,
E tão logo fugiu de mim.
Puxaram de volta minha sereia,
Levou consigo minha alma.
Mergulhei em solidão,
O silêncio, frio, tornou.
Tola forma de seguir.
Eu sou o homem que por ti,
Chorou.

Cântico da lua

Num luar de lástima
A lua tardou chegar.
De jeito traiçoeiro,
O vento deixou de soprar.

Com tom melodioso,
Os pássaros ousam soar.
Seus ninhos tracejados.
Com ar, trocam lugar.

Olhar nos galhos secos,
Deixou-me o peito apertar.
O tempo pra frente andou.
E a dor tornou ficar.

Então, meu passarinho.
Por que foi você voar?
Tão longe, distante do sol.
Sem abrigo pra retornar...

Senhor passarinho.
O luar deixou de brilhar,
Mas ainda consigo cantar.
Na esperança de você ouvir,
E quem sabe...voltar.

Versos com destino

Noites inundadas,
Foices mal guardadas,
Cores cinzentas chegam a mim.

Forças dispersadas,
Drogas espalhadas,
Como pôde tomar esse fim?

Seus gritos não adiantam mais,
O alô, ficou p'ra trás;
Estirado, só pode se observar.

A miséria passa e volta,
Batendo em sua porta,
Lamentável ilusão de acordar.

Mãos estranhas te acomodam,
Solitária, vem e voltam.
Quanto mais terá que sacrificar?

Tuas mágoas se isolam.
Frias, fogo tornam.
Momentos, trapos do seu coração.

Persistente no passado,
Um vazio injuriado,
O agora tornou-se furacão.

Sobras do achar

No voar da andorinha
Rege o canto libertino.
Passear com minha botina,
Leva longe, meu amigo.

Entre palhas arriadas
Sobe o verde a dançar
Não se engane, não acredite
A areia há de molhar.

Venha boi, dance e cante.
Bata os cascos, pule, já!
Teu povão irá seguir,
Seu Francisco vai rodar.

Veem praia de Lençóis.
Ó meu belo, doce lar.
Tire a casca desta soja,
E o interior vem a brilhar.

Essa terra de Palmeiras,
Jamais ousou abandonar!
Pode vir chegar a seca,
Mas minha rosinha vou abraçar.

Fuga para as nuvens!

Sim, eu quero escapar
Me impedir de afundar
Nade, nade, nade.

Longos anos a dormir
Fecho os olhos, chego aqui
Nade, nade, nade.

As mil jardas vêm acordar
Ao abrir, dominar
Finja, finja, finja.

Mais esforço coloquei
Minhas pernas desloquei
Toquei então, o fundo do mar

Se olho para o abismo
Ele me retorna e diz:
"Aqui tu já estás. Permanece".

No mais, tentar

No mais, quero viajar.
É, o mundo ir visitar
Jogar esse medo pra lá
Me divertir, brincar, voar
Vou visitar o paraíso
Irei citar se é tão lindo
E lhes contar, no mesmo hino,
A alegria que é viver
Vou me levar ao meu destino
Longe, perto, não importa
Ir encontrar esse caminho
Até se a morte vir à porta
Pois o cruel é não buscar
Um gesto digno de ir embora
E à porteira se lançar
No mais, a deixar ganhar.